

APRESENTAÇÃO

URBANIZAÇÃO DA SOCIEDADE: UM DESAFIO À REFLEXÃO

Os textos apresentados neste número, inspirados pelo desafio de pensar a urbanização da sociedade, refletem sobre a “condição contemporânea” num mundo “tendencialmente urbano”, ressaltando que o urbano é o modo como a reprodução do espaço se realiza na contemporaneidade, como realidade e possibilidade. Os estudos apontam para a necessidade, em primeiro lugar, de desvendar a realidade visível, que vem sendo apresentada como caótica num mundo em crise que, em sua dimensão socioespacial, desafia a compreensão dos geógrafos frente às profundas mudanças no espaço e no tempo. Em segundo lugar, de pensar os novos conteúdos da urbanização, superando as análises que a restringem a uma questão quantitativa, referente ao aumento do número dos habitantes nas cidades e aglomerações urbanas ou da extensão físico-territorial do fenômeno urbano.

O processo de urbanização envolve, sobretudo, um movimento, apontado por Lefebvre e sinalizado por Limonad, no qual, da posição de induzida pela industrialização, ela torna-se, num determinado momento da história, indutora de uma nova realidade, em que o fenômeno ultrapassa a fábrica e o processo produtivo, para tomar a vida (os espaços-tempos de sua realização) em suas múltiplas dimensões. Trata-se de um movimento que amplia e supera a produção como decorrência das necessidades do processo de valorização na fábrica para um momento em que a reprodução capitalista se realiza em outras esferas, como as do cotidiano, por exemplo. Nesse sentido, deparamo-nos com outra escala dessa reprodução, ou seja, a das relações sociais de produção no seio da reprodução da sociedade.

É importante destacar, como assinala Volochko, que os novos conteúdos da urbanização contemporânea revelam-se como uma problemática socioespacial,

na qual novos temas se justapõem, ou se aprofundam os já existentes, superando/criando contradições, convidando-nos à reflexão.

O assunto, por sua vez, aponta necessariamente para um devir, tendo em vista a tendência constitutiva da sociedade conforme afirma Ribeiro, ao citar Milton Santos, para quem:

Diferentemente dos que apostam no presente amplificado, ansiosos pela eternização da forma dominante de produzir, [o autor] convida à reflexão da passagem do presente ao futuro. Uma reflexão que implica no estudo das forças e interesses sociais que criam e se apropriam da técnica, detendo o poder de comandar a atualização do urbano.

Propõe-se, portanto, pensar o fenômeno urbano em sua totalidade, e em movimento contraditório de reprodução em direção ao possível, o que nos coloca a necessidade de considerá-lo em sua virtualidade. Isto é, a urbanização da sociedade é também uma possibilidade aberta pelo processo de urbanização que, ao se desenvolver, tende a se expandir espacial e socialmente pelo planeta, produzindo um espaço que lhe é próprio e um modo de vida marcado por relações que tendem a superpor-se às relações tradicionais, ora transformando-as radicalmente, ora permitindo que se mantenham como fundamento de novas interações. Por isso mesmo, a realidade urbana se apresenta como “inacabamento” e, ao mesmo tempo, voltada para o mundial; significa também que estamos diante da constituição de um par dialético: espaço mundializado/sociedade urbana mundial.

A extensão do capitalismo impõe, hoje, uma nova velocidade às mudanças, apoiada numa aliança entre os setores econômicos e o Estado, que assume importância fundamental na constituição de um espaço voltado prioritariamente às necessidades da reprodução, propiciando a infra-estrutura física, os instrumentos fiscais e a política monetária para que a valorização do capital, como fonte de crescimento, se realize plenamente. A sociedade urbana tende a generalizar-se pelo processo de mundialização, o que dá um novo sentido à produção *lato sensu*, enquanto o espaço tende a se criar na escala mundial.

A constituição do “urbano” que, aos poucos, penetra todos os espaços – tempos da vida no planeta – modifica-os e os reúne em torno de uma mesma estratégia, aquela da reprodução da sociedade capitalista, gerando novos conflitos e propondo outro projeto de sociedade.

Desse modo, numa primeira aproximação, podemos afirmar que o conteúdo do urbano é a complexidade e o aumento das relações de todos os tipos,

como condição, meio e produto da reprodução da sociedade – dimensão em que elementos novos redefinem os conteúdos da urbanização ao mesmo tempo em que nos deparamos com o aprofundamento (ou a constituição) de novas contradições, sem que as antigas estejam definitivamente superadas.

É nesse contexto que o tema “urbanização da sociedade” enfoca o **urbano** como elemento definidor da sociedade contemporânea, o que implica a necessidade de pensar seus novos conteúdos tendo como referência a tendência à constituição da sociedade urbana e suas novas formas de produção espacial. Aponta-se, assim, para a importância do urbano como elemento fundamental para a compreensão do mundo moderno, bem como para a necessidade de pensar o urbano numa articulação com uma nova prática. Desse modo, o raciocínio engloba e supera a escala da cidade, enfocando um espaço mais amplo, na medida em que o conceito de urbano vai além do de cidade, de modo a pensar a abrangência do processo de **reprodução da sociedade** e de sua orientação.

Assim, a urbanização requer novos conteúdos explicativos diante de um transbordamento da cidade, da implosão do centro e das mudanças radicais no tempo – não só aquele definido nos termos da produção de mercadorias, mas o esgarçamento das relações sociais – percebido através das novas relações que o cidadão estabelece com o outro nos espaços públicos e na vida cotidiana que é determinada por novas mediações como a televisão e a internet, entre outras.

O momento atual da reprodução da sociedade capitalista modifica o ato de habitar, impõe novas relações entre os indivíduos e deteriora o sentido da cidadania, fazendo emergir novas lutas que emanam das mudanças nas formas do habitar, subvertendo as relações entre os cidadãos que moram nas cidades, como decorrência do aprofundamento das desigualdades, conforme aponta Goubert. Numa escala espacial mais ampla, redefinem-se as relações cidade-campo, bem como as da rede urbana, segundo assinala Sobarzo.

O desafio é, sobretudo, teórico-metodológico e refere-se à potência dos caminhos adotados como momentos constitutivos da explicação de uma realidade aberta e, em movimento, requerendo a reavaliação de categorias de análise, redefinições de antigas contradições, e emergências de novas, no processo mais amplo da reprodução das relações sociais. As novas relações espaço-tempo, redefinindo a vida cotidiana, fazem com que outras formas espaciais adquiram novo sentido, como apontado por Dantas em sua reflexão sobre a absorção do litoral ao processo de reprodução da base social.

Este número de CIDADES não seria possível sem a participação dos colegas que aceitaram essa tarefa e se debruçaram sobre o tema, para deleite do leitor que por ele se interessa.

Ana Fani Alessandri Carlos